

O que é o Cristianismo hoje?

IVONE GEBARA*

A pergunta “o que é o cristianismo hoje” é difícil de responder. Estamos imersos num mar de inseguranças, de diversidades, de complexidades. Já não temos mais clareza sobre as nossas crenças, sobre a formação de nossa tradição, sobre o carácter sagrado de nossas instituições religiosas. A multiplicidade de interpretações que conseguimos criar gerou em nós insegurança em relação às nossas próprias interpretações. É nessa complexa situação que todas e todos somos convidados pela VIDA a buscar de novo o significado que gostaríamos de assumir para nossa vida pessoal e coletiva. E nesse novo significado re-situarmos nossa herança cristã.

* Brasileña, doctora en Filosofía y Ciencias Religiosas, Ivone Gebara es autora de numerosos libros y artículos. Entre ellos *Intuiciones ecofeministas* (1998), *El nombre oculto del mal* (2002), *La sed de sentido* (2002) y *Las aguas de mi pozo: reflexiones sobre experiencias de libertad* (2006).

Gostaria de, antes de tudo, lembrar o papel dos pensadores da religião em sua tarefa social. E, lembrar este papel serve para que não pensemos que são os especialistas em pensar as religiões aqueles que modificam totalmente sua vivência. Os pensadores mais originais têm um papel importante, mas bastante limitado, visto que na maioria das vezes o poder institucional não está em suas mãos, e mesmo que estivesse em parte, as crenças religiosas são atravessadas por uma complexidade psicológica e social inesgotável. Elas se misturam aos sofrimentos, às esperanças e desejos profundos e também à diversidade de medos e heranças culturais que recebemos. A pergunta sobre “o que é o cristianismo hoje?” é uma pergunta de quem pensa o fenômeno religioso cristão, de quem pensa está habituado a pensar a sua existência e seus valores. Não corresponde necessariamente, a vivência da diversidade de comunidades cristãs, embora, contenha algo dessas vivências. O que o intelectual capta é limitado por sua posição frente ao mundo, por seus compromissos sociais, pelas causas às quais adere e defende, pelo mundo que vislumbra como sendo o melhor, por sua condição de gênero e por sua história pessoal. As perguntas devem continuar sempre, muito embora as respostas sejam poucas e limitadas.

Nesse sentido a pergunta é apenas um pretexto para refletirmos sobre o rosto plural do cristianismo hoje e sobre a forma particular de vivermos este pluralismo. E mais, é um pretexto para nos re-situarmos como pessoas e grupos diante dessa identidade religiosa que se incorpora a nós que nos consideramos pertencentes a tradição de Jesus, chamado o Cristo. Não podemos ter a pretensão de uma resposta global ou plenamente satisfatória que esgote todos os aspectos dessa pergunta. A cada resposta que obtemos, novas perguntas se levantam. Contentemo-nos em dar alguns passos visto que as análises e reflexões totalizantes já não cabem mais para o nosso tempo. Cada uma e cada um de nós descobre algo, experimenta algo, intui algo, suspeita de algo. Esta aparente fragmentação do conhecimento nos convida a uma espécie de respeito às múltiplas sabedorias

contanto que não se imponham como totalidade desrespeitosa da diversidade que nos constitui. Estamos sendo continuamente convidadas a criar pontes entre nossa experiência pessoal e a observação atenta de nosso entorno, entre nossas perguntas e a de outros, entre nossos ensaios de resposta e os outros. Tecemos assim redes de significações. Todas as nossas ações e criações são de certa forma em relação a outras ações e criações de outras pessoas. Por isso, é uma ilusão acreditar que uma única pessoa é capaz de modificar seu entorno como se fosse um super-homem ou uma super-mulher. Todo trabalho individual quando exercido socialmente requer o apoio dos outros, requer seu consentimento, sua adesão ou recusa.

Todo trabalho individual quando exercido socialmente requer o apoio dos outros, requer seu consentimento, sua adesão ou recusa.

1. OS PROBLEMAS EM RELAÇÃO À COMPREENSÃO DA TRADIÇÃO CRISTÃ

Gostaria de começar lembrando brevemente que vivemos em um tempo rico em desconstruções e críticas ao cristianismo patriarcal. Muitos de nós, já não nos sentimos à vontade de explicar as realidades de nosso mundo a partir de referências abstratas e metafísicas. As críticas vindas de literatos (pensar na quantidade de romances sobre Jesus e o cristianismo), das teologias feministas, das teologias ecológicas, dos cientistas de diferentes áreas e de um grupo grande de vulgarizadores do cristianismo inauguraram algo especial nos séculos XX e XXI. Agora, através dos meios de comunicação há uma transformação dos conteúdos da religião que se faz de forma direta e indireta.

Diante da complexidade crescente de nossas relações humanas, da violência que produzimos em nome de nossas crenças cristãs precisamos nos perguntar com frequência sobre o significado pessoal e social de assumirmos esta identidade.

Muitas vezes pensamos que o fato de assumirmos como referência fundamental de nossos comportamentos e crenças a Jesus de Nazaré, o Cristo, apesar das diferenças históricas que nos caracterizam, significa que pertencemos a uma tradição religiosa comum. Do ponto de vista da tradição, o que é o comum entre nós? A referência ao nome de Jesus? A afirmação de sua humanidade e divindade? A ressurreição depois da morte? A exigência ética do amor ao próximo presente na adesão ao nome de Jesus? O valor de cada pessoa como uma das expressões mais importantes da prática cristã? A imposição de uma concepção de democracia cristã imposta aos outros? A interferência nas culturas de outras tradições para salvá-las em nome de nosso Deus? O que é mesmo que nos faz dizer que pertencemos à tradição cristã? Estas questões revelam a perda de uma espécie de identidade única das religiões e de maneira particular do cristianismo e de suas referências. Não podemos mais nos contentar com um genérico “somos cristãos” como se pertencêssemos a uma mesma forma de crer e agir em sociedade. Da mesma forma, não podemos continuar nos sub-genéricos: sou católica, sou luterana, sou metodista cada qual tentando defender sua identidade.

Diante da complexidade crescente de nossas relações humanas, da violência que produzimos em nome de nossas crenças cristãs precisamos nos perguntar com frequência sobre o significado pessoal e social de assumirmos esta identidade. Uma das questões que precisamos revisitar toca as relações entre ética e religião. Ética entendida como uma orientação em nossas ações que favoreça o bem comum, que busque não sobrepor interesses individuais àquilo que é devido ao coletivo, que não use nossas crenças religiosas em

favor de objetivos de poder e dominação, muito embora sejamos conhecedoras de nossa fragilidade e de nossas tentações de impor nossas crenças.

2. AS RELAÇÕES ENTRE ÉTICA E RELIGIÃO

As relações entre ética e religião necessitam hoje de outros referenciais para serem compreendidas. A simplicidade com que dizíamos que todo comportamento ético tem algo de religioso e toda a religião tem de algo de ético se reveste hoje de grande complexidade. E isto não só porque os termos religião e ética precisam ser redefinidos desde o ponto de vista teórico conceptual, mas porque religião e ética precisam ser rearticuladas na existência cotidiana de cada grupo de pessoas e desde seu contexto.

Os tempos atuais revelam que por um lado o pêndulo da história dos comportamentos humanos oscila mais para o lado do “individuo-centrismo” entendido aqui como uma valorização bastante grande da vontade do indivíduo em detrimento de orientações de vida mais comunitárias. Esta é sem dúvida uma das conseqüências da conquista da liberdade como bem de cada indivíduo própria de nossa contemporaneidade. E, por outro lado, há um “império-centrismo” de fundo teocêntrico que nas suas diferentes expressões culturais, políticas e econômicas legitima sua dominação e suas mediações violentas. Um e outro são diferentes lados da mesma moeda. Um e outro revelam conquistas positivas e limites.

Antes a pertença a um grupo ou a uma comunidade de certa forma pré-definia a qualidade ética da pessoa e particularmente a

confiabilidade que ela inspirava para si mesma e para o grupo. Ela se reconhecia membro de um grupo que lhe dava identidade e suporte moral.

Há alguns anos atrás em vários bairros populares de Recife quando se dizia que alguém era “crente” isto significava que se podia confiar nessa pessoa. Gozavam desse qualificativo, sobretudo, os membros das Assembléias de Deus, os Pentecostais, as Igrejas Batistas, as Testemunhas de Jeová e provavelmente outras denominações maiores presentes nos bairros populares. Muitas vezes até um trabalhador ou trabalhadora para conseguir um emprego valorizava seu “curriculum vitae” informal apresentando-se como “crente”. Ser crente era quase sinônimo de ser honesto, confiável, respeitoso e bom, temente a Deus e às autoridades.

O mesmo acontecia no interior da Igreja Católica Romana quando se falava que alguém era católico praticante, fiel cumpridor de seus deveres. Nos meios religiosos a pessoa era reconhecida como possuidora de uma “carta de bons princípios” que a valorizava diante de seus olhos e dos olhos da comunidade. Até nos tempos da teologia da libertação quando se dizia que tal pessoa era das comunidades de base ou da CPT (Comissão Pastoral da Terra) ou do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), essa pertença indicava já de antemão certa confiabilidade. Pertencer a um movimento religioso de cunho social ou simplesmente pertencer a uma igreja já significava a instauração de uma diferença qualitativa e moral de uma pessoa em relação à outra, acrescida às diferenças pessoais na maneira de viver e atuar em sociedade.

A pertença institucional religiosa como a pertença partidária já não é um indicativo da qualidade pessoal do indivíduo e nem é garantia de que a própria instituição à qual se pertence seja ética.

Hoje este critério popular comunitário de reconhecimento ético, indicador de certa integridade de vida e preocupação com o bem comum, já não se sustenta mais. A pertença institucional religiosa como a pertença partidária já não é um indicativo da qualidade pessoal do indivíduo e nem é garantia de que a própria instituição à qual se pertence seja ética. Estamos agora navegando por outras águas e é preciso tentar entender a “oceanografia” do estado atual de nossos oceanos, mares, rios, lagos, cascatas e córregos, usando aqui uma analogia aquática em relação ao fenômeno cristão.

Será que ainda se pode dizer que as religiões são éticas? Será que se pode afirmar que uma pessoa religiosa é ética? E será que os fundamentos éticos são modelados por concepções religiosas metafísicas?

Creio que em primeiro lugar a situação atual do mundo nos convida a sair cada vez mais dos discursos que afirmam generalidades ou que fazem generalizações. E, sair das generalizações significa também sair de uma concepção antropológica religiosa ingênua a partir da qual há uma essência da religião que é boa em si mesma. Hoje, estamos dizendo que nem a religião é boa em si mesma e nem a pessoa religiosa é necessariamente boa e ética. E isto porque a História, através de sua inexorável mutação tem mostrado que os seres humanos vivem suas crenças e relações desde referenciais mais existenciais e pragmáticos. E é desde estes referenciais que começamos a fazer algumas observações e afirmações que não fazíamos antes. Um número crescente de pessoas marcadas pela crítica aos antigos e novos essencialismos, vivem sua fé desde outros referenciais. Para elas:

– Não há essências pré-estabelecidas. Não há modelos perfeitos pré-existentes que se encarnariam em nossos fugazes comportamentos. Em conseqüência só há enfrentamentos e

buscas de sentido dentro de nossa existência história. Nela o sentido e o não sentido se encontram. Só existe a bondade e a justiça em nossas relações. Não há a bondade em si e nem a maldade em si. Portanto não há Deus e o Diabo como entidades delimitadas que merecem nosso amor ou nosso ódio. Só existe a maldade que nutrimos em nós e em nossas relações desde os nossos comportamentos individuais e coletivos.

- Não há destinos pré-fixados e nem imitações perfeitas possíveis; há relações, há heranças, há rupturas com heranças, há algumas novidades e também muita mesmice.

- Não há vontade de Deus; há a vontade humana forjando uma vontade para Deus. Por isso, não há projetos pré-estabelecidos por Deus; há vontades humanas buscando princípios de autoridade que justifiquem seus projetos bons ou maus.

- Não há uma ética divina; há uma ética humana buscando fundamento para além dela mesma para afirmar-se com força e autoridade sobre si e sobre os outros.

- Não há mais ideais puros, só há experiências de retidão em meio a frágil caminhada cotidiana; e mais uma vez, relações de justiça a partir de comportamentos observáveis, a partir de gestos que se vêem, de benefícios que se vivem, da ternura que se sente.

A partir destas convicções que encontramos em pessoas e grupos uma outra compreensão da transcendência se torna presente. A transcendência agora é da outra, do outro e se vive e se afirma a partir de pequenas práticas cotidianas. É no cuidado dos enfermos de nossas estradas, é na derrubada dos poderosos de seus tronos, é

no saciar de um faminto, é no cuidado com o rio e a floresta que vivemos a transcendência. A transcendência se torna então uma relação humana que revela nossa capacidade de ultrapassar os limites de nosso individualismo, de nosso egoísmo, de nossa ganância. A transcendência vivida se abre em micro-políticas que favorecem o bem para além de meu bem individual.

A transcendência se torna então uma relação humana que revela nossa capacidade de ultrapassar os limites de nosso individualismo, de nosso egoísmo, de nossa ganância.

Por isso, não há mais amor ao próximo como princípio ideal e idealizado. Só existe o gesto cada vez mais complicado de dividir meu pão no meu hoje, na fragilidade de minha existência, dentro do possível que nos é dado. Só existe o aprendizado cotidiano do amor, aprendizado que me humaniza e me torna capaz de ir além de meu egoísmo.

Só posso tentar uma relação justa a cada dia visto que meu ego está sempre tentado a pisar o outro, a recusar de muitas maneiras sua existência, sobretudo, quando o outro afirma sua vontade como diferente de minha vontade. Por isso, os princípios nem sempre funcionam, as pregações não levam a quase nada e os estudos bíblicos moralizantes não conduzem a prática do bem.

Hoje, apesar das fronteiras de todos os tipos, os nossos oceanos, mares e rios estão sem demarcações precisas. Navegamos em mares abertos, em oceanos que se comunicam, em rios que se atiram ao mar e mares que se encontram com oceanos... Navegamos em águas misturadas: salgadas e doces, transparentes e barrentas, obscuras e claras. E neles há peixes se nutrindo de peixes, há peixes matando outros, há peixes fugindo de outros... A vida se nutre da vida, mas não de forma harmoniosa e linear. E, isto precisamos aprender e ensinar para tentar respeitar a frágil vida em cada ser, para ir para

Como é fácil sentir-se de repente curado de alguma dor inoportuna e com a cura reforçar o falso poder e a dominação dos pregadores que utilizam os meios de comunicação para manipular a vida dos fiéis.

além de nossa animalidade, para além de nossa vontade instintiva de dominação.

Já não basta aprender a remar como antes, é preciso inventar novos remos e novas formas para sobreviver em mares abertos. É preciso conviver com os monstros, os nossos e os outros e acolhê-los como partes nossas. É preciso reaprender a remar! É preciso aprender a remar sempre de novo a cada idade e a cada nova situação.

As instituições religiosas temem a diversidade, as misturas, os sincretismos, a variedade de sabedorias visto que estas não sustentam a pretensa homogeneidade do poder. Como é fácil fechar os olhos e gritar pelo nome de Deus e dizer que se experimenta sua intimidade, seu carinho, sua ternura, seu amor infinito. Como é fácil dar-se as mãos e recitar o Pai Nosso e abraçar efusivamente o vizinho de cadeira, e sorrir para quem não se conhece e deixar correr lágrimas abundantes... Como é fácil falar “em línguas” e, construir a certeza de uma revelação íntima e privilegiada de Deus em minha vida. Como é fácil sentir-se de repente curado de alguma dor inoportuna e com a cura reforçar o falso poder e a dominação dos pregadores que utilizam os meios de comunicação para manipular a vida dos fiéis.

E, como é difícil pagar o salário justo, abrir mão de algum benefício pessoal, enfrentar-se com sua própria verdade, crer no direito real a uma vida digna para todos, preferir o bem comum ao bem individual que se manifesta em pequenas e grandes coisas de nosso cotidiano. Por exemplo, preferir o transporte público e a estrada que favorece a muitos do que os autos particulares e as estradas privadas, preferir as frentes de trabalho mais amplas, a

agricultura que não agrida a terra, a saúde democratizada do que o desenvolvimento tecnológico para as elites. Como é difícil amar ao próximo como a si mesmo! E, de forma paradoxal é este amor que nos propomos ensinar nos Seminários, nas faculdades de teologia e nas igrejas...

Tenho vivido esta dificuldade a cada dia. E, me dou conta que as estruturas sociais desiguais que criamos para sustentar nossa vida em sociedade nos impedem de viver os valores nos quais acreditamos. Outro dia, levei uma vizinha a um Pronto Socorro Público. Ela se dobrava de dor e teve que ficar horas para ser atendida e medicada. Passados alguns dias eu também senti uma dor e fui ao Pronto Socorro coberto por meu Plano de Saúde. Tive também que esperar, mas não tanto quanto minha vizinha. Fui atendida com atenção e cuidado enquanto minha vizinha teve que implorar por diversas vezes que a socorressem e a medissem.

Como amar ao próximo como a ti mesmo numa sociedade tão desigual? Como não me amar primeiro com meu Plano de Saúde e amá-la em segundo deixando-a em um estado de dor prolongada pela falta de assistência médica eficaz nos hospitais públicos? Como viver a justiça e o amor se não podemos gozar dos mesmos direitos de cuidar honestamente de nossa saúde?

Na década dos 70 e 80, desde a teologia da libertação, apostávamos na conversão da teologia e das igrejas ao Evangelho de Jesus desde uma perspectiva ética. Tentamos as revoluções sociais, as guerrilhas, as lutas armadas, vivemos martírios e criamos mártires. Mas a injustiça persiste como para dizer-nos que estará sempre conosco e que sempre há que lutar contra ela. Hoje privatizamos o cristianismo e permitimos que o Mercado Mundial o invada. E, nessa linha, as instituições religiosas têm nos proposto, ultimamente, uma bondade a ser cultivada em nosso desejo íntimo, mas não nos levam à bondade

dos atos, dos gestos, dos comportamentos, dos pensamentos capazes de modificar relações, de modificar políticas públicas. Convidamos a um “estar bem” com Deus em nosso íntimo enquanto os corpos de jovens e velhos jazem nas sarjetas. Levam-nos a implorar a ajuda divina esquecendo-nos de organizar e exigir a ajuda recíproca. Levam-nos a defender a bondade divina e a acusar a humanidade sedenta de pão e de amor.

Por isso perguntamos de novo: como resgatar de novo o amor ao próximo? De qual próximo temos que nos aproximar?

3. O CRISTIANISMO COMO GUARDA-CHUVA

A impressão que temos à primeira vista é que o cristianismo hoje é uma espécie de guarda-chuva debaixo do qual muitas crenças construtivas e destrutivas, muitas posturas políticas nacionais e internacionais se abrigam. O guarda-chuva chamado cristianismo daria uma espécie de cobertura de legitimidade que transcende as simples razões históricas. E isto porque o cristianismo se apresenta como algo vindo de Deus, ser supremo, criador do céu e da terra; como algo que irrompeu na história humana fruto do absoluto amor de Deus, fruto de uma revelação amorosa do criador do céu e da Terra. O cristianismo, como o recebemos, parece ter como fundamento algo para além da contingência histórica e é justamente esse algo para além da contingência histórica que lhe daria toda a autoridade e legitimação.

Durante séculos e ainda hoje para a maioria das pessoas a intervenção de forças para além da história contingente é uma verdade da qual não se pode fugir. Esta intervenção se manifesta de

diferentes formas. Desde a obtenção de um milagre de cura atribuído a Deus até a invasão de países autônomos também, em nome de Deus. Por essa razão, estamos sendo convidadas a pensar em nossas crenças e pensar significa abrir brechas na aparente unidade de nossas crenças e confrontá-las à realidade cotidiana de nossas ações. Pensar significa ser capaz de olhar a textura da roupa que vestimos, ser capaz de tirá-la de nosso corpo para ver ao menos suas cores e seu estado de conservação. Significa permitir ao nosso corpo de libertar-se dela se ela não se ajusta mais as condições e necessidades atuais. Significa alargá-la ou mesmo comprar outra se necessário for.

No horizonte desse raciocínio, a pergunta crítica que nos fazemos tem a ver com nossa capacidade humana de explicitar em termos históricos, contingentes e contextuais algo para além de nossa contingência. Em outros termos, explicamos a contingência que somos e a contingência de nossas ações históricas através de um discurso que faz apelo ao Absoluto ou a vontades superiores localizadas em uma outra esfera de vida.

Por que no século XXI voltamos e talvez de uma forma quase inesperada a situar nossas crenças e algumas de nossas ações para além de nossa própria contingência histórica? Por que mais uma vez repudiamos a contingência, diminuimos seu valor para afirmarmos os valores eternos revelados outrora por Deus e portanto válidos até hoje e sempre? O que está por trás de nosso discurso sobre o absoluto ou o não contingente? Não estaríamos diante de nossa própria contingência desejando superação e experimentando ao mesmo tempo sua impossibilidade real de superar-se ?

*... estamos sendo
convidadas a pensar
em nossas crenças e
pensar significa
abrir brechas na
aparente unidade de
nossas crenças e
confrontá-las à
realidade cotidiana
de nossas ações.*

As afirmações de ordem transcendental parecem evidentes nas teologias cristãs na medida em que o comum dos fiéis se orienta a partir da crença em uma vontade pessoal superior que dirige o mundo e nossas vidas. E nessa direção há sempre a possibilidade de nos desviarmos do caminho e também de voltarmos ao caminho. A lei para os humanos se estabelece a partir da vontade divina mediada por homens iluminados que parecem conhecer os desígnios divinos. E se não fosse assim? E, se interpretássemos que Deus, ou uma misteriosa força inacessível à nossa razão, depois de ter criado o mundo estivesse descansando para que nós trabalhássemos para continuar a criação?

No fundo nós não queremos o descanso divino, nem sua aposentadoria porque as coisas seriam muito mais difíceis para nós. Enfrentar a crueldade característica dos humanos sem afirmar a bondade divina que imaginamos capaz de nos resgatar, enfrentar a frieza e inconstância de nosso amor sem falar do Deus que nos ama sempre, enfrentar nosso egoísmo e auto-suficiência, nossa tentação contínua a dominação dos outros sem a presença de um Justo Juiz capaz de resolver ao menos na outra vida nossos litígios seria de fato extremamente penoso. Se tudo isso é compreensível, é compreensível também que tenhamos esquecido de nós mesmos como seres humanos criadores. Por isso uma tarefa urgente se impõe a nós e esta nada mais é que acordar o humano em nós. Esta parece ser a indicação que a Vida nos faz hoje. Mas, que preço temos que pagar para acordar o coração humano? Que preço há que pagar para captar a beleza do contingente e do efêmero? Que responsabilidades não deveríamos assumir para aprender a viver dos bens da terra com justiça e equidade?

4. A LINGUAGEM DE NOSSOS DESEJOS

Creio que um dos problemas que devemos enfrentar em nosso tempo é o da linguagem de nossos desejos profundos, de nossos valores, de nossas crenças. Por que situar aquilo que cremos, longe de nós? Por que afirmá-los desde entidades distantes ou de seres do passado fazendo-os viver o que queremos viver hoje? Por que usar os artifícios e os exemplos do passado a serem seguidos e não o enfrentamento com o que de fato podemos ser como coletividade hoje? E nesse sentido, não apenas as religiões que são reconhecidas como religiões precisam ser interrogadas, mas as referências políticas e científicas à palavra absoluta de alguns mestres como se sua contingência passada fosse elevada ao nível de eternidade histórica. O problema não é dos que se foram. O problema é dos vivos que recusam o valor de sua vida presente, de suas descobertas para afirmar a autoridade do passado. Mas, ao fazê-lo na realidade mentem para si e para os outros na medida em que não querem aceitar que manipulam ou se escondem nas palavras do passado para afirmar seu próprio poder. Há hierarquias religiosas na psicanálise, nas ciências sociais, na física, na química etc. Isto não significa não reconhecer o valor das contribuições que foram feitas. Mas, as contribuições não podem se tornar crenças absolutas capazes de deslegitimar os esforços do presente, os esforços das descobertas dos jovens, seu jeito de organizar o mundo em que querem e precisam viver. O passado e o futuro não podem obscurecer o presente. É este o dia em que o amor é carne em nós!

E se fôssemos órfãos de Deus? Quem justificaria o nosso bem e o nosso mal? E se fôssemos órfãos de Deus quem legitimaria as nossas guerras e nossos esforços pela paz? Não seríamos então obrigadas a descer aos nossos corações, a perscrutar nossas entranhas e deixar falar o nosso coração? Não deveríamos assumir com simplicidade

Estamos sendo convidados a resgatar em nosso cotidiano a transcendência em nós, o Emanuel, a divindade conosco, capaz de fazer novas todas as coisas a partir de nosso cotidiano.

que o que nos acontece vem de nós como coletividade ? Não teríamos que acolher a simplicidade e a complexidade de nossa vida e nos apoiar mutuamente? Não teríamos que reconhecer a “misteriosa chama criadora” presente em tudo o que existe e existindo colada a tudo o que existe?

Creio que os que se situam na tradição cristã deveriam sair da religião como algo revelado por um Deus todo poderoso, Deus em si mesmo, Ser sumamente perfeito. Este modelo hierárquico patriarcal tem se mostrado legitimador de nossa irresponsabilidade humana atual. Estamos sendo convidados a resgatar em nosso cotidiano a transcendência em nós, o Emanuel, a divindade conosco, capaz de fazer novas todas as coisas a partir de nosso cotidiano.

O Cristianismo hoje é uma colcha de retalhos sem o fio de sustentação terreno, material, relacional cotidiano. É preciso encontrar de novo o fio, o sustento. É preciso amarrá-lo nos lugares em que se rompeu. O fio é a vida cotidiana que acontece em casa, na rua, no trabalho, nas escolas, nas plantações. É desse fio de sustentação que precisamos afirmar de novo os valores que sustentam nossa vida. E, porque sustentam nossa vida sustentam a vida daqueles que antes de nós os afirmaram à sua maneira e segundo suas necessidades. É a partir dele que faremos memória do passado e celebraremos o presente. O presente é a nossa única possibilidade de vida e é ele que tem que ser o nosso amor. A partir do presente se pode resgatar as parábolas do passado, os mitos fundadores, as sabedorias antigas, a vida das mulheres e homens que nos precederam na acolhida da vida com suas lágrimas e esperanças. Este será o fio que tornará possível que a colcha de retalhos cristã possa servir para esquentar e embelezar a vida de todas nós no hoje de nossa existência.